

Nos jardins secretos da escritura: Platão e(m) Derrida

Diego Reis¹



Resumo

Este ensaio tematiza a questão da escritura a partir da leitura do *Fedro*, de Platão, realizada por Jacques Derrida, e apresentada no livro *A Farmácia de Platão*. Nesse sentido, trabalhando alguns aspectos desta leitura, buscamos analisar de que modo este problema é tratado pelo filósofo franco-magrebino, bem como os tensionamentos operados entre fala/escrita, significante/significado, *logos* e constituição de sentido, em um horizonte no qual a crítica à linguagem escrita, tal como exposta no fim do *Fedro*, será objeto da desconstrução derridiana.

Palavras-chave: Escritura. Phármakon. Derrida.

Résumé

Cet article thématise la question de l'écriture à partir de la lecture du *Phèdre*, de Platon, faite par Jacques Derrida, et présenté dans son livre *La Pharmacie de Platon*. En ce sens, en travaillant certains aspects de cette lecture, nous analysons comment ce problème est traité par le philosophe franco-maghrébine, ainsi que les tensions exploités entre parole/écriture, signifiant/signifié, *logos* et constitution du sens, dans un horizon dans lequel la critique de la language écrite, tel que présenté à la fin du *Phèdre*, est l'objet de la déconstruction derridienne.

Mots-clés: Écriture. Pharmakon. Derrida.

“Esse jogo insensato de escrever”
(Mallarmé)

A problematização de um *gesto* imprime na leitura da última parte de *Fedro*, de Platão, a marca de Derrida. Escritura-*phármakon*; escrita-navalha, que talha nas superfícies os signos deslizantes, instabilizadores dos jogos da escrita, do grafismo e da consignação, que, reunindo signos gráficos, ressuscitaria no suporte a suposta “originalidade” de um acontecimento, ao custo do afastamento da presença do sujeito da enunciação e, portanto, da voz restituidora do sentido e reveladora da verdade. Escritura-problema, para além dos conteúdos de que trata: o que há de perigoso nesse gesto, nessa “perigosa travessia” de signos, grafemas e matéria verbal que, ao se

¹ Mestrando em Filosofia pelo PPGF da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de Filosofia Contemporânea/UFRJ. E-mail: diegoreis.br@gmail.com

inscreverem nos *papyros*, longas fitas enroladas de lâminas - tramas sobrepostas -, imprimem e fixam um aglomerado de letras mortas que, paradoxalmente, produzem vivos efeitos? Restos e rastros de uma desconcertante instabilidade que, na escrita derridiana, arquiva, com suas figuras, o que Platão também *institui e conserva*, a um só tempo.

Urdidura fixada de um gesto que se faz trama; contextura discursiva, enredo, tecido, teia labiríntica de f(r)ios tracejados transparentes e resistentes – maquinação, armadilha, estratégia e repetição; o cadáver e o duplo tumular que anuncia enquanto se retrai; que mostra e se esquiva; que promete a presença por trás da pedra-palavra rolada. Origem, história e valor de um processo que guarda, congrega e capitaliza uma série de camadas superpostas. Arquitetura irregular fundada em terreno movediço, que promete a reprodução e a memorização de conteúdos pretensamente estáveis. *Logografia, estenografia, taquigrafia*: o movimento rápido das mãos, tal qual a fala, que fixa o discurso, seu tempo e circunstância, deixando-o arquivado, pela escrita, ao julgamento das gerações futuras, sem direito à defesa, ou a qualquer explicação suplementar, sob o risco permanente de, após a morte, “serem tidos pelos pósteros na conta de sofistas”. (257d).

Os “escrevedores de discurso” devem temer o uso descontrolado de suas palavras flutuantes, que, depois de escritas, falam pela voz do *outro*; se descolam, se decalam e se acimentam desconsiderando a dialética: voláteis, alçam voos por si mesmas, falam a todos os homens no mesmo registro, incapazes de respondê-los senão “de um único modo e sempre a mesma coisa” (275d). Além disso, “escrevendo o que não diz, não diria e, sem dúvida, na verdade jamais pensaria, o autor do discurso escrito já está instalado na posição do sofista: o homem da não-presença e da não-verdade.” (Derrida, 2005, p. 12)

A modalidade escrita do discurso, ao “medicar” indistintamente todos da mesma forma, desconsidera singularidades, necessidades e, portanto, o próprio princípio curativo ou aniquilador da palavra. O menosprezo da posologia torna os efeitos colaterais desastrosos – é isso que Platão parece estar figurando pelo avesso no interior de um diálogo que contracena surdamente com o espectro da desaparecimento do falante. Não é fortuito, pois, a precaução em relação aos tipos de alma para as quais as dosagens diferenciadas devem ser respeitadas, e não aplainadas as diferenças específicas

epistemológicas, em nome de uma abstração universal. É nesse sentido que se deve atentar para a ambivalência da escrita, que, não sendo em si mesma nem positiva nem negativa, não pode prescindir, para Platão, da alma à qual se direciona. Ademais, é importante salientar que:

A redação em prosa – tratados médicos, narrativas históricas, defesas de oradores, dissertações de filósofos – não constitui somente, com relação à tradição oral e às criações poéticas, um outro modo de expressão, mas, uma forma de pensamento nova. (Vernant, 1982, p. 197)

Autonomização de uma escritura que arma a cena, contracena e, obscena, provoca indignação pela dupla falta: da presença e da verdade. Escrever é simular, iludir, forjando personagens na oficina da representação que trabalha *como se* se tratasse de re-apresentar um posicionamento, uma defesa ou um encômio de um autor, que é a lei, o princípio e a autoridade do fluxo discursivo. Ora, mas Platão não é, por excelência, esse *metteur en scène*, a forjar personagens-conceituais, espaços, ritmos, circunstâncias, colocando em *movimento* os diálogos? Isto é, por um lado, todo trabalho e articulação com os dispositivos cênicos; por outro, o jogo, a ironia, o alto grau de referencialidade e os interlocutores que se digladiam na cena da escritura pictográfica, repleta de imagens, mitologias e mitologemas, na coreografia verbal face à qual, de modo desconcertante, parece se esboçar uma “dança imóvel”: o fluxo do discurso aparentemente espontâneo, que já foi, desde sempre, *fixado*.

As pontes figurais, que trazem alto grau analógico e alegórico, trabalham com um “como” que não se realiza plenamente. Entre o mito e o discurso filosófico, duas potências se entrecruzam – a força da imagem e o *élan* da palavra. E, no tensionamento delas, a faísca que surge no intraficcional transborda o próprio diálogo, criando conflitos e lacunas: a quem *escreve* Platão? Quais são os seus endereçamentos? O que sua escritura dá a ver, e a que ela resiste quando expõe e *se expõe* às próprias críticas?

Para além do processo de escritura, a questão se coloca em termos morais, haja vista que, em seu desdobramento, o problema está em saber se é decente ou indecente escrever e em quais condições específicas poder-se-ia afirmar a bela escrita ou, ao contrário, a escrita vergonhosa. (274b) À preocupação de Fedro, segue a advertência de Sócrates: “é que a escrita, Fedro, é muito perigosa e, nesse ponto, parecidíssima com a pintura, pois esta, em verdade, apresenta seus produtos como vivos; mas, se alguém lhe



formula alguma pergunta, cala-se cheia de dignidade” (275d). Nos labirintos de Dédalo da escritura, os percursos parecem conduzir a múltiplas vias, nas quais, diante do perigo de ser apanhado inadvertidamente pelo Minotauro, o “escrevedor” deve estar sempre à espreita... Não é à toa que Teseu conseguirá derrotar o monstro mítico somente com a ajuda da artimanha do fio-tecido de um novelo, presente de Ariadne, o qual, em seguindo seus vestígios, será possível regressar à porta de entrada-saída. Na bela expressão de Jorge Luís Borges, em poesia homônima, o labirinto é também uma “rede de pedra” em cuja trama tantas gerações se perderam. Figura, por conseguinte, interessante para repensarmos os (des)caminhos textuais, os livros dentro de livros, os desvios, as coabitações hiper ou hipotextuais.

O texto, nesse sentido, mais se aproxima do palimpsesto que da fidelidade garantidora da verdade, se levamos em conta as oposições entre fala/escrita, presença/ausência. A fidelidade (*fidelitas*) e a confiança (*cum fides*) do texto são da ordem da fé (*fides*), isto é, de preservação de sua originalidade; de restituição de seu sentido primeiro, que leva sempre, no confronto com o texto, a tentativa de responder “o que o autor quis dizer?”². Ancoradouro de todo um arcabouço conceitual, mormente das teorias literárias interessadas na restituição da “intenção” do autor, as oposições e as hierarquizações se acentuam, na fenda aqueles que “interpretam bem” e os que “leem mal”, sem apropriação do léxico e da semântica trabalhados pelo autor. Isto engendra, ainda, toda sorte de problemas relacionados à tradução, opondo os defensores da transliteração e os da recriação. Problema próprio da escrita se considerarmos que, como lembra Derrida (2001, p.118), em *Mal de Arquivo*, “o arquivo reserva sempre um problema de tradução. Singularidade insubstituível de um documento a interpretar, a repetir, a reproduzir, cada vez em sua unicidade original [...]” Neste espectral lugar sem lugar, oscilando entre o visível e o invisível, os significantes se remetem; os traços se correspondem e respondem, às vezes irresponsavelmente, às questões que se colocam ao texto ou que aparecem no intercâmbio entre leitor e autor.

Ainda sobre escrituras e rasuras enquanto hipertextos,

² Em relação à aproximação entre as noções de “querer-dizer” e de “presença”, bem como a crítica de Derrida, Cf. DERRIDA, J. *A Voz e o Fenômeno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994; e o verbete “querer-dizer [*vouloir-dire*]”, no *Glossário de Derrida*, organizado por Silviano Santiago, em 1976. É preciso agradecer aqui as preciosas sugestões de Victor Maia, nesse sentido.



O palimpsesto, ao acolher novas escritas, conserva, entretanto, vestígios do que havia sido anteriormente escrito. O texto esborado não está propriamente suprimido, “deletado”. Não se revoga simplesmente. Ao contrário, vê-se transformado, em sua nova condição de escrita fantasmática, que acompanha o novo texto em seu percurso de leituras e rasuras sucessivas. O texto sobrescrito se transforma, ele próprio, em símbolo do labor escritural. No palimpsesto em que desaparece a primeira escrita para que nele se escreva de novo, medram os traços de todos os textos que o antecederam. Nele também se materializa a natureza plural de todo texto – plural porque legível, nítido, claro, uniforme e coeso, em sua superfície, mas também depositário de tudo o que não se discerne à primeira leitura, cifrado em seus sentidos, polimórfico e dialógico, presença oculta de todas as vozes que murmuram em seus subterrâneos. Sobrescrever (depois de raspar, em gr. *psao*) de novo (*palin*), reutilizando os materiais adequados à escrita, ressignifica o palimpsesto a cada vez que ele se reescreve, da mesma forma que condiciona a possibilidade de inscrever o novo, no suporte raro e caro, e por isso mesmo partilhado ciosamente apenas entre alguns – os que conheciam o mister. (NUNEZ, 2006, p.5-6)

Escrita-fantasmática, que produz efeitos farmacológicos para o bem ou para o mal. Farmácia de manipulação, cujo laboratório escritural produz *phármakon*, a droga que pode curar ou levar à morte, dependendo da administração e da dose. Farmacotécnica que, fazendo uso possivelmente da herança de Hipócrates, já se insinua no mito de Bóreas e Farmaceia, pois enquanto a virgem Orítia brincava com Farmaceia, fora empurrada por Bóreas em direção ao abismo e à morte accidental. Ora, pergunta-se Derrida: “Esta breve evocação de Farmaceia, no início do Fedro, é casual?” (Derrida, 2005, p.14) A ninfa que, inadvertidamente, encontra a morte enquanto brincava, joga com a ambivalência de Farmaceia, em sua dupla acepção: “Por seu jogo, Farmaceia levou à morte uma pureza virginal e um íntimo impenetrado” (idem, p.14)

Mesmo desvio que faz Sócrates sair de seu caminho e seguir Fedro, que traz sob o manto os escritos-fármacos de Lísias, num jogo, simultaneamente, de sedução e erotismo, tal como a escritura, e de ocultação e promessa. O conhecimento e a aplicação dos fármacos denota um estranho poder àquele que o possui – condução, terapêutica, aniquilamento.

Para além dos muros da cidade, Sócrates finalmente encontra Lísias, em sua ambígua presença-ausência, que se materializa na voz de Fedro, o *médium* através do qual o discurso do hábil escritor Lísias se re-apresenta. Aqui, é preciso ressaltar outro tópico interessante que surge no diálogo, cujas consequências serão retomadas em diversos momentos do texto: Fedro lê o discurso de Lísias porque não aprendeu de *cor*, isto é, a escrita [artificial] suplanta o exercício da memória [autêntica] e, à medida que

sua capacidade de armazenagem e arquivamento é maior, diminui a capacidade mnemônica dos homens. A escrita tem por função re-cordar o que deveria se inscrever na alma dos homens. Todavia, paradoxalmente, leva-nos ao esquecimento (275a).

Será pela via do mito de Theuth (274a) que Platão irá apresentar de modo mais direto a associação e a comparação da escritura com o *phármakon*. Trata-se de problematizar, nesse contexto, pela via mítica, certos aspectos concernentes à memória, à dialética e à verdade, através das implicações, dos imbricamentos e das consequências epistemológicas, políticas, sociais e morais de acolhimento ou não da escritura enquanto *invenção* legítima.

A escritura apresentada por Theuth ao rei Thamous é, segundo ele, o *phármakon* capaz de deixar os homens mais sábios e ampliar sua capacidade de memorização. Essa potência que, por meio de um artifício cria um suplemento, é vista pelo *basileû* com desconfiança e suspeição, que, de pronto, ressalta os riscos envolvidos na operação de um saber *aparente*. Reprimenda que denuncia o perigo da emancipação, o afastamento, a afonia lesiva. “Não seria o *phármakon* um criminoso, um presente envenenado?” (Derrida, 2005, p. 23) Sobrevém o temor latente de que tamanha dádiva seja, na verdade, uma maldição: o presente dado ao rei é também uma pequena “lembrança” de uma ausência, cuja promessa, enquanto oferta, dá aos homens um apêndice, que ameaça sempre torná-los pseudo-sábios, cultivadores, nos jardins da escritura, de sua própria ignorância.

O *logos*, na leitura de Derrida, origem de todo o discurso da presença autêntica, seria filiado ao pai e assistido por ele, o sujeito-falante, de cuja potência viva o *logos* é testemunha, isto é, *logos* que pressupõe “um pai que se mantém *presente, de pé* junto a ele, atrás dele, nele, sustentando-o com sua retidão, assistindo-o pessoalmente e em seu nome próprio.” (Derrida, 2005, p. 23) Portanto, autoria e autoridade que garantem a identificação do sujeito da enunciação, ao passo que o estranho jogo dos *topoi* da escritura embaralha perspectivas e locutores, numa polifonia surda *descontrolada*, sem porto seguro, para a qual o desenho do traço toma o lugar da voz, e impossibilita a fixação de uma atribuição autoral. Exigência, então, de uma interpretação, de uma hermenêutica que, como decifração, repetição, usurpação, é já uma *reimpressão* do que o autor quis *dizer*; um transporte perigoso de um contexto a outro: a metáfora, a tradução e o pecado original da escritura. Sismo e fissura da fonetização:

O conceito de *arqui-rastro* [...] é [...] inadmissível na lógica da identidade. O rastro não é apenas a desapareição da origem, mas quer dizer que a origem jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem. Deste então, para arrancar o conceito de rastro do esquema clássico, que o faria derivar de uma presença ou de um não-rastro originário, deve-se falar de rastro originário ou de *arqui-rastro*. (Derrida, 1967, p.90)

Arqui-rastro, *arqui-escritura*, arquitetura do texto que, na hipótese de Derrida, através de uma inversão do esquema clássico, precederia a toda língua, e seria condição mesma de possibilidade de seu funcionamento, com suas rasuras, heranças e repetições. Voltemos ao *logos*, porém, uma vez mais, para analisar de que modo a sua nobreza de vivente é oposta à frieza moribunda e pálida da escritura.

No que concerne à origem do *pai do logos*, no texto platônico, não podemos desconsiderar o debate que se tratava na época com/contra os retóricos e as respostas elaboradas por Platão, relacionando mitologemas e filosofemas em sua narrativa. Letras mortas ou corpos vivos, as figuras pintadas dos escritos num suporte *externo*, que consigna os traços, parecem se dissociar da impressão/inscrição do saber na alma dos homens, e, portanto, da experiência vital do que é ouvido. A instauração da lógica da repetição da escritura, ademais, é a própria destituição da relação erótica com o saber, ameaça de destruição e esquecimento. Cabe ressaltar, porém, que a memória e a lembrança figuram no mito de Theuth como dimensões distintas, havendo a primazia da primeira sobre a segunda, na medida em que a lembrança só instiga certas memórias, enquanto esta, por sua vez, se liga ao conhecimento vital inscrito na alma. Em questão estão os diferentes modos de apropriação de um conhecimento, e sua relação com o conhecimento verdadeiro, contraposto aos véus do saber aparente e da polimatia. De acordo com Marcus Reis (2008, p.74),

A crítica aqui recai sobre a possibilidade de verdades filosóficas estarem seguramente garantidas nas expressões proposicionais da linguagem. Não se trata de rejeitar a possibilidade de expressões proposicionais enunciarem corretamente, mas de criticar a garantia de acessibilidade existencial ao que elas enunciam. Na medida em que uma proposição não garante que o leitor ou ouvinte tenha a "instrução" necessária para que aquilo que ela enuncia seja incorporado existencialmente, ela não poderá garantir a transmissão rigorosa dos assuntos filosóficos.

Tensionamento entre o registro exterior [*éksóthen*] e o registro interior [*éndothen*], em que se atritam as línguas e as constelações de significados e

significantes, com sua respectiva inscrição ou não na alma daqueles que escrevem e falam. Dupla realidade face à qual, por um lado, a língua escrita representa externamente – e de modo opaco - o que se professa, e, por outro, a língua falada, dando provas da vivacidade de um mundo interno, se apresenta em sua exuberância fulgural e criadora. A escrita, para se defender e se explicar, sempre precisará de seu pai-autor, embora, paradoxalmente, lançada no mundo, pareça autônoma em seu gesto maquínico de *repetição*.

Organizando os argumentos segundo princípios que mais se aproximam aos da sofística do que de um saber efetivo, a escrita fonética, mas também pictórica, será aproximada à pintura, por Platão, enquanto inscrições em suportes que *representam* as coisas do mundo, animando-as de modo ilusório, e que introduzem, além disso, um problema hermenêutico. Como restituir o sentido das sentenças tal qual o autor quis conferi-lo? Como garantir essa “ponte” entre o grafema e o sentido, sem cair num relativismo, isto é, cada um conferindo a elas um sentido particular? Evidentemente, isto engendra um conjunto de problemas teóricos, epistemológicos, éticos e práticos, já que está em jogo, sem dúvida, o horizonte da possibilidade de transformação dos modos de ação e de vida, os quais a filosofia tem um potencial incontestado, para Platão, e mesmo a supremacia em relação aos outros saberes, pois ela se revela experiência vital radical de vida e de morte.

O diálogo com o *logos* exterior da escritura é, nesse sentido, conversa com um morto, cujo sopro de vida do *logos* vivo é usurpado pelo fluxo gráfico-discursivo que aponta mais para a realização da linguagem e seu plano semântico do que a efetividade da experiência vivida e transmitida por quem sabe. A palavra, sem a vivência daquele que lê/aprende é “arte pneumática”, isto é, são apenas palavras tocadas pelo sopro que fazem deslizar as superfícies de textos: letras mortas, texturas e sonoridades residuais, necrológicos. Meras partituras sonoras que, nos subterrâneos da palavra, revelam apenas o sopro-suporte, os corpos de palavras infladas internamente que podem ser estruturadas segundo determinadas estratégias de retórica e arquitetônica textual, não significando, necessariamente, produção de conhecimento. Ao avesso, a escrita parece disfarçar a falta, isto é, simular uma falsa verdade ou mesmo a ausência de verdade. Pintam-se as palavras para velar a “ignorância da alma do homem que não sabe.” (Reis, 2008, p 83)

Nos jardins de Adonis da escritura, o solo não é apropriado para o florescimento da verdade. As palavras-pedregosas não podem, senão, brilhar brevemente nos prados antes de desvanecerem sem poder defender-se ou justificar-se. Artifício e enxerto, fora do tempo, tudo o que nasce brevemente perece, do mesmo modo que, enxertadas as verdades nos aprendizes por meio de fraseados e expressões prontas, não se permite o amadurecimento e o processo lento de construção da experiência e do saber, sem o qual, ao mais leve soprar dos ventos, o insólito germe *desmancha no ar*.

Significante que desliza em sua polissemia, a escritura-*phármakon*, uma vez mais, como suplemento de cujos efeitos não se têm controle total, parricida, instaura um lugar de completa indecidibilidade. “Indecidível, diz Derrida, é a experiência daquilo que, estranho, heterogêneo à ordem do calculável e da regra, *deve*, entretanto entregar-se à decisão impossível, levando em conta o direito e a regra (Derrida, 2007, p. 46). Ora sublinhando seus efeitos positivos, ora ressaltando sua negatividade, o jogo de desvios, rastros, restos e flutuações semânticas é configurado no lançar dos significantes que fogem do pai, por estas trilhas sinuosas e sem abrigo. Perda de controle e do consolo da propriedade do sujeito da enunciação em face de seu objeto, na torrente e no fluxo de circulação dos signos emancipados do deus-pai. Duplo risco, por conseguinte: o que corta o papel traçando a superfície, risca; e a ameaça da escritura sem pai, de quem, por meio desse gesto insensato do qual nos fala Mallarmé na epígrafe deste ensaio, arrisca e se entrega senão ao impossível, ao menos ao insensato.

A farmacopeia de Derrida é vasta e as ambiguidades se multiplicam na instabilidade do sem fundo e sem fundamento, na abissal escritura-máquina que rivaliza com a memória, e impõe a lembrança permanente. Experimentação química que, no [volátil] laboratório das ideias e dos conceitos, já não pode mais garantir privilégios e verdades erigidas da luta e da persuasão entre presenças. Assim, a análise derridiana do *Fedro*, tomando a própria escritura de Platão em toda a sua duplicidade, com as figuras e espectros que gravitam em torno da fala/escritura, inverte seus pólos magnéticos e as contraindicações farmacológicas, as precauções a as reações adversas sugeridas pelo filósofo grego. O princípio ativo da escritura-*phármakon*, genérico ou não, e seus efeitos colaterais, parecem sempre beirar a superdosagem. Posologia da restância que, graças ao uso do perigoso suplemento, nas letras vivas de Platão, marcou profundamente a tradição do pensamento ocidental. Talvez, o que nos aponta Derrida

seja da ordem da desorientação e do descontrole próprios da escritura, que Platão buscava encontrar meios e dosagens mais seguras para aqueles que dela se utilizavam. Indústria, arte e artifício que, na farmacognosia platônica ameaça, não raro, o desvio e a errância, e, na farmacoterapêutica de Derrida, justifica a aventura da desorientação no pensamento e do desenho-vestígio tracejado no suporte, com seus duplos, seus jogos de apagamento e rastros, que perfazem as texturas-tinturas e presenteiam os pósteros com a herança dos boticários.

BIBLIOGRAFIA:

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. *De La Grammatologie*. Paris: Editions de Minuit, 1967.

_____. *Força de Lei*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Mal de Arquivo – Uma Impressão Freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NUNEZ, Carlinda Fragale Pate. "Palimpsesto digital – um salto na sua história". *Revista Palimpsesto Online* [apresentação]. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 5-6, 2006.

PLATÃO. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Ed. UFPA, 2011.

REIS PINHEIRO, Marcus. *O Fedro e a Escrita*. *Anais de Filosofia Clássica*, vol. 2 nº 4, 2008.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mythe et Société en Grèce Ancienne*. Paris: François Maspero, 1982.